

Sociologia de Goffman

“compreender os mecanismos que sustentam os processos de interação entre os indivíduos, o que ocorre em microssituações sociais concretas. Nesse sentido, ressaltou que a vida social se desenvolve no seu cotidiano a partir de relações face a face que estão submetidas a determinadas regulações, tais como: um conjunto de experiências culturais vivenciadas pelos indivíduos que as utilizam em seus encontros; um estoque de impressões que voluntária ou involuntariamente transmitem sobre si mesmos; um conjunto de informações e/ou inferências que possuem a respeito dos demais integrantes de um processo interacional; a existência de expectativas que os atores nutrem de serem tratados em função do valor social que reivindicam para si mesmos. Ao mesmo tempo que enfatizou o caráter ordenado e recorrente das interações, sua análise evidenciou a fragilidade, a precariedade e a instabilidade existentes nessas interações e o enorme potencial de ruptura que circunda e ameaça constantemente as relações interacionais”. (p. 139)

Sociologia de Goffman

=> Acentua a existência de uma profunda carga emocional: situações que geram desconforto, medo, vergonha e embaraço.

“A possibilidade latente de sua ocorrência suscita uma atitude de coação nos indivíduos em seus encontros sociais de modo a evitar possíveis ações que possam desacreditá-los socialmente. O sentimento de embaraço desempenha, portanto, um papel importante no envolvimento dos atores com valores e convenções existentes na organização social”.
(p. 140)

=> decorre de um descompasso entre a projeção social realizada por um indivíduo e eventuais acontecimentos que podem emergir durante o desenrolar de uma interação;

Sociologia de Goffman

Processo interacional repousa no trabalho de construção de um consenso operacional:

“no qual tendem a apoiar valores aos quais todos os presentes prestam falsa homenagem e evitar assuntos que poderiam comprometer o *modus vivendi* que está sendo construído”.

Crise na interação: dúvida quanto à reivindicação que o indivíduo elaborou sobre uma dimensão de seu *self*.

“Em nenhum momento, o ator possui completo domínio do fluxo de acontecimentos que podem ocorrer durante uma situação específica, bem como não detém controle absoluto sobre as possíveis informações que os demais participantes eventualmente armazenaram sobre sua pessoa e que porventura podem utilizar numa circunstância específica”.

Sociologia de Goffman

“Os indivíduos são capazes de reconhecer tal sentimento nos outros e em si mesmos quando surgem sinais de distúrbios corporais e emocionais, como a presença de sinais avermelhados no rosto, transpiração em excesso, perda do domínio da comunicação verbal, evidente tremor nas mãos, dificuldade de manejo do olhar, exibição de um sorriso fixo, articulação incoerente de ideias etc.” (p. 141)

“[O] sentimento de embaraço contamina, contagia e infringe um sofrimento social a todos os participantes, sendo que o indivíduo que eventualmente contribuiu para desacreditar um outro se sente também envergonhado e culpado, pois, ao destruir a imagem do outro, ele destrói sua própria imagem como ator capaz de se comportar de forma hábil e diplomática em situações interacionais definidas”.

“[A] sociologia de Goffman, ao assumir o pressuposto de que o sentimento de embaraço possui uma profunda significância moral, descreveu o ator social mais voltado em evitar e minimizar possíveis riscos durante o processo interacional – desenvolvendo estratégias de autopromoção e autodefesa – do que em maximizar ganhos sociais”.

Estigma: temas comuns

“Lida com aspectos da inclinação aparentemente irresistível e universal para classificar outras pessoas e a discriminá-las em nosso comportamento de acordo com a posição social [*social grading*] em que nós as colocamos. Com efeito, nós transformamos graus de aproximação em relação a alguma concepção normativa de atributos físicos, crenças religiosas, realizações educacionais, fisionomia, cor da pele, e outros atributos adquiridos ordinariamente e em sua maioria por acidente ou parentesco em emblemas de mérito”.

Sistema de categorização

“A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm mais probabilidade de serem neles encontrados. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com ‘outras pessoas’ previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua ‘identidade social’ – para usar um termo melhor do que ‘status social’, já que nele se incluem atributos como ‘honestidade’, da mesma forma que atributos estruturais, como ‘ocupação’.” (pp. 11-12).

Sistema de categorização e de hierarquização

As pessoas não são apenas distribuídas em categorias; são também hierarquizadas com base no “ajuste” entre as características exibidas por elas e aquelas da categoria a que parecem pertencer.

“embora algumas dessas normas, como a visão e a alfabetização, devam ser, em geral, sustentadas com total adequação pela maior parte das pessoas da sociedade, há outras normas, como as associadas com a beleza física, que tomam a forma de ideais e constituem modelos perante os quais quase todo mundo fracassa em algum período de sua vida. E mesmo quando estão implícitas normas amplamente realizadas, a sua multiplicidade tem o efeito de desqualificar muitas pessoas. Por exemplo, num sentido importante, há só um tipo de homem que não tem nada do que se envergonhar: um homem jovem, casado, pai de família, branco, urbano, do Norte, heterossexual, protestante, de educação universitária, bem empregado, de bom aspecto, de bom peso, boa aluna e com um sucesso recente nos esportes”. (p. 139)

Identidades sociais virtuais e reais

“Caracteristicamente, ignoramos que fizemos tais exigências ou o que elas significam...” (p. 12)

“... até que surge uma questão. Essas exigências são preenchidas? É nesse ponto, provavelmente, que percebemos que durante todo o tempo estivemos fazendo algumas afirmativas em relação àquilo que o indivíduo que está à nossa frente deveria ser”.

- Identidade social virtual (presumida): caráter que imputamos ao indivíduo;
- Identidade social real: “a categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir...” (p. 12)

“Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca.” (p. 12)

Estigma: definição

Estigma: “discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real”.

“O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos” (relação entre um atributo e um estereótipo).

Três tipos de estigma:

- i) Deformações do corpo;
- ii) Culpas de caráter individual (“percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical”);
- iii) Estigmas tribais de raça, nação e religião.

Estigma: definição

Estigma: “discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real”.

“O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos” (relação entre um atributo e um estereótipo).

Três tipos de estigma:

- i) Deformações do corpo;
- ii) Culpas de caráter individual (“percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical”);
- iii) Estigmas tribais de raça, nação e religião.

Interação face a face

Contatos mistos: “os momentos em que os estigmatizados e os normais estão na mesma ‘situação social’, ou seja, na presença física imediata um do outro, quer durante uma conversa, quer na mera presença simultânea em uma reunião informal”. (p. 22)

Questão central: “assume o estigmatizado que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente visível ou então que ela não é nem conhecida pelos presentes nem imediatamente perceptível por eles?” (p. 14)

Desacreditado: manipulação da tensão.

“Sentimos que o estigmatizado percebe cada fonte potencial de mal-estar na interação, que sabe que nós também a percebemos e, inclusive, que não ignoramos que ele a percebe.” (p. 27)

=> Situação de inquietação: atenção é desviada dos alvos obrigatórios, dando lugar à consciência do “eu” e à consciência do “outro”.

Interação face a face

Desacreditável: manipulação da impressão (controle da informação).

“Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada case, para que, como, quando e onde.” (p. 51)

Informação social: características mais ou menos permanentes => transmitidas por meio de símbolos (signos acessíveis de forma regular e frequente).

Símbolos de estigma: signos especialmente efetivos para despertar a atenção sobre uma degradante discrepância de identidade que quebra o que poderia ser, de outra forma, um retrato global coerente.

Goffman considera “várias estruturas nas quais os contatos se produzem e se estabilizam e [busca] ver que, em cada caso, é provável que ocorram discrepâncias características entre a identidade social virtual e a identidade social real, e que se realizam esforços, também característicos, para manipular a situação”. (p. 65)

Identidade pessoal

O problema da manipulação do estigma é influenciado pela identidade pessoal.

Unicidade:

- i) “marca positiva” ou “apoio de identidade”;
- ii) o conjunto completo singular de fatos conhecidos sobre uma pessoa íntima (vinculado ao nome ou ao corpo);
- iii) “essência de seu ser, um aspecto geral e central dele, que o torna bem diferente, não só no que se refere à sua identificação, daqueles que são muito parecidos com ele” (p. 67).

“A identidade pessoal, então, está relacionada com a pressuposição de que ele pode ser diferenciado de todos os outros e que, em torno desses meios de diferenciação, podem-se apegar e entrelaçar, como açúcar cristalizado, criando uma história contínua e única de fatos sociais que se torna, então, a substância pegajosa à qual vêm-se agregar outros fatos biográficos”. (p. 67)

Biografia e múltiplos “eus”

Identidade pessoal: proteção contra falsificações da identidade social e limites às formas de apresentação de si.

“Por mais patife que seja um homem, por mais falsa, clandestina ou desarticulada que seja sua existência, por mais que esta seja governada por adaptações, impulsos e reviravoltas, os verdadeiros fatos de sua atividade não podem ser contraditórios ou desarticulados. Note-se que essa unicidade inclusiva da linha de vida está em flagrante contraste com a multiplicidade de ‘eus’ que se descobrem no indivíduo ao encará-lo sob a perspectiva do papel social onde, no caso de a segregação entre papel e audiência estar bem manipulada, ele poderá sustentar com bastante facilidade egos bem diversos e, até certo ponto, pretender que não é algo mais do que já foi”. (p. 73)

Técnicas de controle da informação

Se o indivíduo é desacreditado, procuramos o ciclo cotidiano de restrições que ele enfrenta quanto à situação social; se é desacreditável, buscamos as contingências com que se depara na manipulação da informação sobre sua pessoa.

Encobrimento => técnicas de controle da informação:

- i) Esconder ou eliminar signos que se tornaram símbolos de estigma;
- ii) Uso de desidentificadores: símbolos que tendem a quebrar uma imagem de outra forma coerente, mas num sentido positivo;
- iii) Uso de signos de um estigma como signos de outro atributo que seja um estigma menos significativo;
- iv) Cooperação com as pessoas íntimas para manter as aparências;
“Recusando ou evitando brechas de intimidade, o indivíduo pode evitar a obrigação consequente de divulgar informação. Ao manter relações distantes, ele assegura que não terá que passar muito tempo com as pessoas porque[...] quanto mais tempo se passa com alguém, maior é a probabilidade da ocorrência de fatos não previstos que revelam segredos.” (p. 110)

Técnicas de controle da informação

v) Conluio com potenciais chantageadores: “uma das contingências básicas do encobrimento é de que ele será descoberto por todos os que podem identificá-lo pessoalmente e que incluem entre seus antecedentes biográficos fatos não manifestos e que são incompatíveis com suas pretensões mútuas”. (p. 87)

Chantagem de autoconservação: “o chantagista, intencional ou efetivamente, evita o pagamento de uma sanção recebida, porque obrigá-lo a isso resultaria no descrédito do credor”. (p. 87)

vi) revelação:

Transforma “radicalmente a situação de um indivíduo que tem informações a manipular na de alguém que deve manipular situações sociais difíceis, transformando a situação de uma pessoa desacreditável na de uma pessoa desacreditada”. (p. 111).

Carreira moral

Carreira moral:

“pessoas que têm um estigma tendem a ter experiências semelhantes de aprendizagem relativa à sua condição e a sofrer mudanças semelhantes na concepção do eu”.

- i) O estigmatizado aprende e incorpora o ponto de vista dos normais;
- ii) Aprende que possui um estigma particular e as consequências disso;
- iii) Aprende a ocultar o estigma.